



O valor da língua portuguesa no mundo atual: um estudo com futuros profissionais da Comunicação Social

Portuguese in today's world: A study with future professionals in Social Communication

Maria João Macário

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu
mjoaobm@gmail.com

Cristina Manuela Sá

Universidade de Aveiro
Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores
Laboratório de Investigação em Educação em Português
cristina@ua.pt

Resumo¹:

A Comunicação Social tem vivido tempos de mudança. O modo como os profissionais desta área se exprimem na sua língua materna (LM) tem vindo a alterar-se, em função de um público que vive a era das redes sociais e do acesso à informação em larga escala. Nessa medida, é importante conhecer a forma como estes profissionais concebem a sua LM, procurando que a sua formação inicial contribua para um melhor conhecimento e domínio da mesma.

Consequentemente, foram desenvolvidos estudos qualitativos (estudo de caso), recorrendo-se ao inquérito por questionário para a recolha de dados, que foram objeto de análise de conteúdo. Este artigo refere-se a um estudo exploratório tendo por informantes futuros profissionais da Comunicação Social a frequentar o 3.º ano de uma licenciatura em Comunicação Social, numa Escola Superior de Educação. Estes revelaram representações sobre a LM demasiado presas à sua origem geográfica e lacunas quanto à sua variação pouco compatíveis com a inserção na sociedade multicultural e plurilingue do séc. XXI.

Palavras-chave: Língua materna; valor da língua portuguesa; representações sociais; comunicação social; futuros profissionais.

Abstract:

Social Communication is facing great changes. The way the professionals of that area use their mother tongue is changing too, taking into account publics that use intensively the social nets and have access to information. Consequently, it is important to determine how these professionals see their mother tongue and assure that their training will help them to know it and to master it in a more efficient way.

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/CED/00194/2019.



Thus, we developed qualitative studies – case study – using a questionnaire to collect data and content analysis to analyze them. This text refers to an exploratory study whose participants were future Social Communication professionals attending the 3rd year of a graduation in a polytechnic institute. They disclosed social representations on their mother tongue (Portuguese) too attached to its geographic origin and misrepresentations concerning its variation capable of preventing adaptation to the 21st century society, mainly multicultural and plurilingual.

Keywords: Mother tongue; value of Portuguese; social representations; social communication; future professionals.

Résumé:

La Communication Sociale doit faire face à de grands changements à présent. La façon dont les professionnels de ce domaine utilisent leur langue maternelle est aussi en train de changer, afin de prendre en compte des publics qui sont très présents dans les réseaux sociaux et accèdent aisément à l'information. Par conséquent, il est important de déterminer quelles représentations de leur langue maternelle ont ces professionnels et de garantir que leur formation les aidera aussi bien à la connaître mieux qu'à la maîtriser davantage.

Dans ce but, on a mené à bout une étude qualitative – étude de cas – en ayant recours à un questionnaire pour recueillir des données et à l'analyse de contenu pour les analyser. Ce texte se rapporte à une étude exploratoire à laquelle ont participé des futurs professionnels de Communication Sociale en 3^{ème} année d'un premier cycle d'études dans un institut polytechnique. Ils ont révélé des représentations sociales sur leur langue maternelle (le Portugais) trop axées sur leur origine géographique et la méconnaissance de sa variation susceptibles d'empêcher l'adaptation à la société du 21^{ème} siècle, qui est très multiculturelle et plurilinguistique.

Mots-clés: Langue maternelle ; valeur du Portugais ; représentations sociales ; futurs professionnels.

Introdução

Vivemos tempos de mudança, que afetam todas as áreas das nossas vidas. A língua que utilizamos para comunicar também é influenciada por essas transformações. A sociedade exige indivíduos capazes de comunicar na sua língua materna (LM), competentes no uso que dela fazem no âmbito da sua profissão e que deem resposta às exigências atuais.

Os profissionais da Comunicação Social deparam-se com um público que facilmente se dispersa, face ao volume de informação de que dispõe. É, portanto, fundamental que sejam competentes na sua LM, capaz de verdadeiramente captar a atenção do leitor e/ou espectador.

Para isso, além das competências comunicativas que lhes são exigidas, é preciso que conheçam o valor económico, político, cultural, científico, etc. que a língua portuguesa (LP) agrega, sua unidade e diversidade, sua posição no mundo, para que a valorizem e a promovam.



Sem esse conhecimento e valorização, o uso que dela fazem tornar-se-á, apenas, mecânico, desprovido de reflexão. É importante comunicar para os tempos atuais, em que a informação é muito mais volátil, porque está em constante atualização e o público participa na sua construção, quer porque opina em permanência, logo é muito mais vigilante, quer porque exige a sua atualização a toda a hora.

Língua portuguesa e comunicação social

Uma das principais preocupações educativas do séc. XXI é o desenvolvimento de competências que permitam aos cidadãos fazerem face às contingências de uma sociedade em constante mutação. Das Ciências da Educação (cf., por exemplo, Perrenoud, 1999) às políticas educativas (cf., nomeadamente, Comissão Europeia, 2007; European Commission, 2018), passando pela economia (World Economic Forum, 2016), muitos se têm empenhado, a fim de preparar as jovens gerações para um futuro que ainda desconhecemos, mas em que competências como a autonomia e a iniciativa, a criatividade e a inovação, a curiosidade e a liderança, a persistência, a resistência à frustração e a adaptabilidade, bem como a capacidade de resolver problemas complexos, andarão a par com a aptidão para colaborar e comunicar e a sensibilidade às dimensões sociais e culturais em que o domínio linguístico desempenha um papel central.

Ao ensino da LP, do básico ao superior, cabe – sem sombra de dúvida – um papel de destaque neste contexto, visto ter como objetivo fundamental desenvolver competências em comunicação oral e escrita ditas transversais, porque são fundamentais para o sucesso académico (dado que a interação na sala de aula se desenvolve nessa língua, independentemente da área curricular em questão) e também para a vida quotidiana (tanto no universo social – com destaque para o mundo do trabalho – como na esfera pessoal). De facto, a comunicação oral e escrita pressupõe competências, cujo domínio é determinante numa sociedade dita da informação, na qual a comunicação é experienciada e atualizada em permanência, através das redes sociais (Facebook, YouTube, LinkedIn, Twitter, Instagram, Pinterest, Tumblr, etc.), das mensagens de texto que lemos e escrevemos nos nossos telemóveis e do intensíssimo uso que fazemos de meios eletrónicos em todos os setores da nossa vida.

O domínio da LP como LM envolve não apenas a utilização correta da língua nas mais diversas áreas, mas também o reconhecimento de que o Português ocupa um lugar de destaque no mundo atual, a par de outras línguas (Macário, Sá, & Gomes, 2015). De 'língua de prestígio' (associada aos Descobrimentos e ao conhecimento científico deles decorrente) passou a 'língua de expansão' (devido à sua ampla utilização no contexto económico e político da civilização ocidental) e a 'língua franca' (dado o seu uso cada vez mais generalizado). Não é essa a sua situação atualmente, mas tal não significa que seja uma língua a descurar, ao nível europeu e até mundial, visto ser falada em 4 continentes e deter grande potencial cultural (decorrente da miscigenação com culturas africanas, asiáticas e da América do Sul), económico (por estar associada a potências económicas atuais, como o Brasil e Angola) e político (por ser língua de trabalho em diversas organizações internacionais).



É precisamente esse sentimento de união em torno da LP que nos conduz ao conceito de 'lusofonia', que, embora não reunindo consenso sobre o seu âmbito e significado, se refere, genericamente, ao "[...] conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o português" (Pereira, 2008, pp. 1-2), logo ao espaço linguístico e cultural da língua portuguesa (Pinho & Ançã, 2015). Assim, 'lusofonia' ultrapassa a mera questão linguística e estende-se a uma intenção destes povos de promover a língua que historicamente partilham, isto é, o termo refere-se também a uma certa identidade cultural partilhada, com repercussões no âmbito político e económico.

Compreender este conceito de lusofonia implica, também, compreender a língua no espaço de outras línguas, porque a LP, como as restantes, não (con)vive isoladamente.

No universo atual das línguas, a LP assume uma posição 'supercentral' (Calvet, 2002) por ser uma das mais faladas no mundo (em 37 países de 4 continentes, sendo língua oficial em 8 deles), ocupar o 8.º lugar no PIB mundial e em número de internautas e ainda ser a 6.ª língua mais utilizada em negócios e língua oficial, de trabalho ou de documentação em mais de 20 organismos multilaterais ou regionais (Calvet & Calvet, 2012; United Nations, 2013; Lewis, Gary, & Fenning, 2016). O potencial económico atualmente atribuído à LP (Esperança, 2009; Reto, 2012) e o universo de falantes a ela associado (Reis, Laborinho, Leiria, Filipe, & Pinheiro, 2010) favorecem a sua afirmação linguística, o que lhe confere estatuto de língua internacional (Marques & Sebastião, 2013). No entanto, é vista, por muitos, como objeto acessório e preterida em relação ao Inglês, nomeadamente em contexto académico (Pinto, 2012), havendo ainda uma tendência para a perspetivar de forma ego/eurocêntrica devido ao relativo desconhecimento do seu valor internacional (Ançã, Macário, Guzeva, & Gomes, 2014; Sá, 2015, 2017, 2018; Sá, Silva & Macário, 2018).

Embora se esteja a apostar na afirmação política da língua (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 2014), é preciso não esquecer o papel crucial desempenhado pela Educação em Português na veiculação de uma imagem da LP, que a releve internacionalmente, a par de outras línguas, e permita entendê-la como língua de valor económico, social e científico. De facto, ainda que uma língua não represente um valor efetivo em moeda, beneficia de economias de rede, ou seja, se tiver muitos utilizadores, cada um deles pode extrair benefício da sua partilha (Reto, 2012). Portanto, o valor económico da língua portuguesa resulta: i) do benefício que traz aos seus utilizadores, ii) da diminuição dos custos de transação nas trocas comerciais e de organização nas empresas transnacionais e iii) da oportunidade de desenvolvimento económico, social e cultural das comunidades lusófonas (Reto, 2012). Assim, o crescimento económico de países como o Brasil e Angola tem vindo a contribuir para a valorização económica da LP por parte dos seus utilizadores (Reto, 2012).

Este entendimento da LP é fundamental para a sua valorização e promoção. Para além da competência de comunicação exigida a qualquer indivíduo proficiente numa língua, conhecimentos sobre o lugar que essa língua ocupa no mundo, seus valores e oportunidades são fundamentais para qualquer cidadão que a use para trabalhar. Segundo Galisson e Coste (1983), a competência comunicativa envolve o domínio de determinados códigos socialmente impostos utilizados na comunicação, numa determinada comunidade:



[...] supõe o domínio de códigos e de variantes sociolinguísticas e dos critérios de passagem de um código ou de uma variante a outros: ela implica também um saber pragmático relativamente às convenções enunciativas que estão em uso na comunidade considerada. (p. 135).

A noção de competência comunicativa apresentada no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (Conselho da Europa, 2001) vai ao encontro dessa definição, dado que defende que esta implica “[...] o conhecimento de recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens correctas e significativas, bem como a capacidade para os usar” (p. 157). Neste mesmo documento, a competência comunicativa é subdividida em três conjuntos de competências: i) competências linguísticas, ii) competências sociolinguísticas e iii) competências pragmáticas. A este conjunto de competências estão, naturalmente, associados conhecimentos e representações sobre o valor de uma dada língua.

Essas competências e representações sobre as línguas são obviamente influenciadas pelas vivências dos indivíduos e nelas, com elevada importância, estão as experiências no âmbito da educação formal. Nesse sentido, a didática da língua portuguesa, quer como área de investigação, quer como espaço escolar de aprendizagem, tem a preocupação em dotar os alunos de competências que lhes permitam comunicar nessa língua com desenvoltura e autonomia.

Os profissionais da Comunicação Social devem desenvolver, entre outras, competências comunicativas como forma de expressão profissional em distintos meios de comunicação, com vista à análise de factos e temas de maior difusão, bem como ao seu tratamento e uso para transmitir informação.

A sua formação não pode ser desligada da era que se vive, que atualmente se caracteriza pela produção e pelo acesso a conteúdos livremente disponíveis. Face a esse enorme volume de informação que circula a todo o momento, cabe a cada um de nós selecionar a que for do seu interesse (que, muitas vezes, é potenciado pelo formato adotado na sua difusão). Tudo isto tem tanto mais interesse, se atentarmos nas preocupações que desse manifestam em quadros de referência, como o Quadro Europeu de Competência Digital para Cidadãos (Lucas & Moreira, 2017). Aqui são propostas 21 competências distribuídas por 5 grandes áreas: a literacia da informação e de dados (saber analisar, comparar e avaliar criticamente a informação online), a comunicação e colaboração (participação na sociedade através da utilização de serviços digitais ou da adequação do comportamento), a criação de conteúdo (preocupações com direitos autorais), a segurança (proteção de dados pessoais e privacidade de outros) e a resolução de problemas (identificação de áreas em que precisamos de atualizar a nossa competência digital).

A competência comunicativa de qualquer profissional da Comunicação Social, que viva num contexto de democratização da informação, tem de se adaptar a este novo mundo, questionando-se em permanência sobre que informação selecionar, como a tratar, como torná-la atrativa, cruzando, em simultâneo, os interesses do público e a necessidade de dar a conhecer a atualidade.

Botton (2014, p. 24) refere precisamente que “Agora as notícias são para toda a gente e, no entanto, as rodas da curiosidade estão muitas vezes em risco de girar em vão num mole pântano



de informação." Numa era em que o público precisa de seleccionar o que quer efetivamente consumir, dado o enorme volume de informação a toda a hora em movimentação (para o qual o utilizador pode contribuir), sobretudo no mundo digital, "precisamos de organizações noticiosas que agucem a nossa curiosidade" (Botton, 2014, p. 26), que nos apoiem no que podemos fazer com a informação.

Portanto, sendo a sua LM um dos instrumentos de trabalho destes profissionais da Comunicação Social, é fundamental formá-los para compreenderem as suas potencialidades, os seus valores, procurando, nesse caminho, a sua promoção.

Com essa preocupação em mente, desenvolvemos um estudo com este público, que em seguida apresentaremos.

Metodologia

Um grupo de investigadoras de um laboratório de investigação em Educação em Português de uma universidade da região centro de Portugal tem vindo, desde 2012, a debruçar-se sobre as representações de estudantes universitários acerca do papel da LP no mundo. Os sucessivos estudos realizados têm-se focado em estudantes, futuros profissionais da Educação, com os seguintes objetivos: i) identificar o papel que atribuem à LP no mundo, os seus valores e potencialidades e ii) propor formas de promover e difundir a língua, numa perspetiva didáctica.

Em todos estes estudos foi utilizado um questionário (Ançã, Macário, & Guzeva, 2013), que permitia identificar as representações sobre a LP e incidia sobre os seguintes aspetos: i) línguas e LP, ii) internacionalização da LP e iii) valor da LP. Tivemos o cuidado de utilizar questionários tão semelhantes quanto possível nos diversos estudos, para podermos comparar as representações dos vários públicos-alvo e tirar conclusões sobre as semelhanças ou as diferenças entre elas. Mas, como é óbvio, foi preciso introduzir nele algumas alterações, para o adaptar ao público de cada estudo.

Em todos estes estudos foi usada uma metodologia de investigação de índole qualitativa, com características de estudo de caso. Para a análise de todos os dados recolhidos nestes vários estudos, recorreremos a uma combinação de análise de conteúdo e estatística descritiva (frequências absolutas e relativas).

O carácter inédito do estudo que aqui apresentamos reside no facto de ter sido realizado com 56 estudantes de duas turmas do 3.º ano da Licenciatura em Comunicação Social de uma Escola Superior de Educação da região centro do país, que frequentavam a unidade curricular (UC) de Escrita Criativa, no 1.º semestre do ano letivo de 2018/2019. Esta UC enquadra-se na área disciplinar de LP e pretende que os estudantes desenvolvam as seguintes competências: i) conhecer os desafios multiformes da criação textual nos seus vários domínios; ii) compreender a dinâmica da criação textual através do contacto com áreas de comunicação de natureza multimodal; iii) aplicar adequadamente distintas técnicas criativas em diferentes situações comunicativas e em diferentes registos mediáticos; iv) explorar códigos de escrita e linguagens visuais como forma de expressão criativa; v) potenciar a criação de narrativas jornalísticas a partir de universos



semânticos diversificados; vi) adequar a linguagem a diferentes formatos de jornalismo; vii) desenvolver a expressão estética a aplicar em função dos diferentes géneros jornalísticos.

Um dos conteúdos desta UC denomina-se Carácter pluricêntrico da língua portuguesa. Portanto, o programa valoriza o conhecimento da LP na sua unidade e diversidade. O estudo que desenvolvemos é anterior à abordagem desse conteúdo do programa, circunstância que discutiremos nas considerações finais deste texto.

Neste contexto, questionámo-nos sobre que ideologias linguísticas teriam estes estudantes, numa fase final da sua formação profissional, prestes a iniciar um estágio curricular, em que as competências desenvolvidas na sua LM, ao longo da sua formação escolar e académica, seriam postas à prova. No âmbito dessas competências, o conhecimento sobre a língua portuguesa e a capacidade para a utilizar enquanto língua de ciência, de valores económico, político, cultural, etc., promovendo-a enquanto tal, revela-se muito importante no mundo atual. Portanto, considerámos pertinente identificar as representações destes futuros profissionais da Comunicação Social sobre o papel da LP no mundo atual, já que, pelo menos em teoria, farão uso do Português como instrumento de trabalho no âmbito da sua profissão. As conclusões deste estudo far-nos-ão refletir sobre uma dimensão ainda não estudada por este nosso grupo de investigação. Se, por um lado, já sabemos que os estudantes, futuros profissionais da Educação, que participaram nos nossos estudos anteriores, têm algumas representações inadequadas sobre a língua e que isso terá, certamente, repercussões na abordagem didática da LP que farão no seu futuro profissional, neste estudo que aqui apresentamos, queremos perceber quais são as representações de futuros profissionais da Comunicação Social e refletir sobre as suas consequências nesse campo de atividade.

Análise de dados e discussão de resultados

As respostas dadas às perguntas incluídas na primeira parte do questionário permitiram caracterizar os inquiridos. A grande maioria tinha idade compreendida entre os 19 e os 21 anos, era natural de Portugal Continental, onde estava fixada, e reconhecia o Português como LM (à exceção de duas estudantes, que indicaram o Francês, encontrando-se uma delas em mobilidade Erasmus e sendo proveniente de Lille, em França).

Quisemos também saber como definiam língua materna. A resposta com maior frequência (48% das respostas) é a de que se trata da primeira língua com a qual se contacta e que se aprende desde os primeiros tempos de vida. Também houve quem dissesse que se trata da língua do país de origem (32% das respostas). Encontrámos menos ocorrências para a língua que se fala fluentemente (apenas 9% das respostas) e língua dos pais/família/casa (6% das respostas). Com pouquíssimas ocorrências aparecem respostas como a língua portuguesa (3% das respostas) e língua de escolarização (2% das respostas). Estes resultados fazem-nos perceber que estes estudantes associam a sua LM àquela que é primeiramente aprendida, correspondendo, na sua maioria, à língua falada pela comunidade a que pertencem.

Pedimos-lhes para indicarem, por ordem decrescente as 5 línguas mais faladas no mundo. A maior parte (52%) referiu o Inglês em primeiro lugar, mas o Mandarim também foi apontado



por muitos (43%). De facto, em número de falantes, estaria o Mandarim em primeiro lugar. Vale, ainda, referir que 5% dos estudantes referiu o Português e houve um destes que especificou o Português do Brasil, o que revela, por um lado, a consciência de que efetivamente a maior parte dos falantes de LP tem como variedade o Português do Brasil, mas, por outro lado, a percepção de que as diversas variedades do Português são línguas diferentes.

A maioria mencionou o Inglês como a língua mais falada no espaço da internet, sendo, de facto, essa a realidade. Apenas 4 mencionaram o Português, que é na verdade a 5ª língua mais falada, e apenas 1 mencionou o Mandarim, que é a 3ª mais falada neste espaço.

Também quisemos perceber se os estudantes conheciam todos os países de língua oficial portuguesa. Nenhum aluno indicou a totalidade dos 10 países.

Perguntámos aos estudantes em que contextos situacionais adaptavam o seu estilo de linguagem. A necessidade de o adaptar em função da presença de outras culturas obteve 34% das respostas dos nossos inquiridos. Outros motivos apontados foram os contextos profissionais (20%), os contextos académicos (15%), quaisquer contextos formais (13%), a idade do interlocutor (6%), quando o interlocutor não compreende o que é dito (4%), nos espaços das redes sociais e com amigos (3% cada) e ainda contextos informais (1,5%). Também com 1,5% houve quem indicasse que não sabia responder.

Para percebermos como viam a LP na sua diversidade, perguntámos aos estudantes qual seria a variedade da língua mais correta ou se não haveria nenhuma. Pudemos constatar que a maioria dos estudantes considerava a variedade falada no espaço geográfico português como a mais correta (55,4%). Na verdade, trata-se de uma percentagem muito reduzida a dos estudantes que consideraram que não existe uma variedade mais correta (21,4%). Este resultado revela uma perspetiva da língua sem abertura à sua diversidade. Aliás, ao analisarmos as justificações apresentadas para esta opção, vemos respostas como "Porque a língua portuguesa vem do país de Portugal e é normal as pessoas falarem mais a língua portuguesa de forma correta" (E1), ou "É a língua que deu origem aos dialectos seguintes" (E2), ou ainda "Porque nos outros países a [sic] existem outras palavras que foram adicionados [sic]" (E3). Para quem considerou que nenhuma variedade é a mais correta, identificámos justificações como "A língua portuguesa tem muitas variedades consoante o país, mas isso não quer dizer que uma seja melhor que a outra, pois cada país molda a língua de acordo com a população." (E4).

Pedimos, ainda, aos estudantes que definissem lusofonia. Analisando as suas respostas, percebemos que a que registou mais ocorrências (35%) foi a que identificava o conceito com o espaço geográfico da língua, mas também com o espaço humano e cultural (31%). Menos valorizada aparece a associação ao espaço histórico (4%). As restantes respostas apresentadas eram de desconhecimento (29%).

Esta dificuldade em lidar com o conceito de lusofonia (quer pela ausência de resposta, quer pela distorção do conceito que encerravam algumas respostas) não deixa de nos surpreender, dado, por um lado, o nível de conhecimentos de nível geral ou senso comum que estudantes apresentavam sobre a LP e, por outro, o facto de o significado do termo poder ser



etimologicamente recuperado a partir da decomposição da palavra no étimo 'luso', referente a lusitano (português), e no sufixo '-fonia', relativo a som ou idioma oral.

Um retrato algo idêntico, no que respeita à dificuldade em reconhecer este conceito, foi já traçado numa investigação realizada no Brasil (Fiamoncine, 2015), tendo por objeto de estudo a perceção da lusofonia por alunos do ensino médio, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, em duas realidades socioeconómicas distintas (uma escola particular, localizada num bairro de classe média alta, e outra, frequentada por estudantes do ensino público, localizada num bairro da periferia de São Paulo). Em ambos os universos, no entanto, foi possível verificar o mesmo resultado:

Num primeiro momento de discussão, constatámos o que já esperávamos, os alunos pouco ou nada sabiam do termo Lusofonia e da relevância dos países de língua portuguesa; para eles era Brasil e Portugal. (Fiamoncine, 2015, p. 90).

Os nossos resultados relativos ao pedido de definição de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa [CPLP] são um pouco diferentes dos obtidos na questão anterior: apenas dois inquiridos declararam não saber a resposta a esta questão. Pensamos que as frequentes referências a esta organização na comunicação social, nomeadamente aquando do protagonismo assumido na defesa da implementação do Acordo Ortográfico, podem ter contribuído para estes resultados. Neste caso, cremos que o facto de esta sigla ser de interpretação mais hermética justificará igualmente os resultados obtidos.

O questionário incidia ainda sobre o valor económico da LP. A maioria dos estudantes considerou que a sua LM tinha valor nesse contexto (77% das respostas). Os restantes responderam que não (11%), que não sabiam (11%) ou manifestaram indecisão (1%), dizendo que a LP tinha valor económico, mas não muito. Dos que atribuíram valor económico à LP, muitos não justificaram a sua resposta (41%). Alguns (18%) associaram a sua justificação ao crescimento e a mesma percentagem às transações comerciais, enquanto 11% dos inquiridos consideraram que o poder económico se associava à importância da língua no mundo e apenas 3% se focaram na antiguidade da língua e a mesma percentagem no valor em moeda. Apenas 2% das respostas se centraram na comunicação, havendo a mesma percentagem de respostas quer para o turismo, quer para a cultura.

De seguida, procurámos saber se os nossos inquiridos consideravam que a LP é uma língua em crescimento e como justificavam a posição assumida. A maioria (59% deu resposta afirmativa à primeira parte da pergunta, 30% dos estudantes não apresentaram justificação para a sua opção e 17% centraram-se no aumento ou decréscimo do número de falantes. 8% das respostas consideravam o turismo como impulsionador do crescimento e 5% referiam a emigração como justificação para a expansão da língua. O investimento em países de língua oficial portuguesa, a simplificação ortográfica, a presença da LP nas redes sociais, a hegemonia do Inglês e a divulgação do país no mundo são justificações apontadas por um pequeno número de inquiridos (3% para cada justificação). Um pequeno número de respostas associava o crescimento à cultura da língua e ao fator globalização (1% para cada caso) É de notar que muitos estudantes estão demasiado centrados no espaço geográfico português, quando apresentam as suas justificações, como podemos ver nestes enunciados: "Sim, cada vez mais se vê pessoas de todo



o mundo a aprenderem português não só devido a feitos internacionais como a conquista do euro 2016 como a vitória na Eurovisão, como também devido ao aumento da popularidade do país como destino turístico." (E5), ou "A globalização tem aberto o nosso país a outros horizontes e, conseqüentemente, a nossa língua." (E6). Isto denota uma visão eurocêntrica da língua, muito pouco aberta à sua presença em outros países de língua oficial portuguesa, ou outros que não se situem na Europa e, nomeadamente, não façam parte da União Europeia. A pouca importância atribuída à LP por alguns dos alunos que consideram que não está em crescimento deve-se ao facto de o seu país de origem ser pequeno. Estranhámos a associação da pouca importância da LP às reduzidas dimensões de Portugal, dado que, na Europa, existem outros países ainda mais pequenos (como a Bélgica e o Luxemburgo), que são muito importantes, em termos económicos e/ou políticos, e também porque o Português é falado em países grandes (como o Brasil e Angola, muito referidos por estes inquiridos nas respostas a perguntas anteriores). Aparentemente, para estes estudantes, o único Português que conta é o que é falado em Portugal.

Quando lhes perguntámos em que zonas a LP estaria em crescimento, privilegiaram: a Europa (25%), certamente a pensar nos emigrantes; a África (15%), provavelmente tendo em mente as ex-colónias portuguesas nesse continente; a América (15%), certamente a pensar no Brasil; o Oriente (6%). Logo, muitos dos nossos inquiridos viam os países europeus como um potencial espaço geográfico de expansão da sua LM, provavelmente tendo em conta o recente fenómeno de emigração de pessoal qualificado para países da UE (como os enfermeiros, para o Reino Unido, por exemplo). Em concorrência com esses destinos, temos o Brasil e países africanos lusófonos (normalmente associados a emigrantes com menos qualificações, como, por exemplo, trabalhadores da construção civil). É de registar, ainda, que 17% dos inquiridos consideraram que a LP se estava a expandir em toda a parte e 11% que o crescimento não acontecia em lado nenhum e 10% não sabiam responder.

Também se pretendia determinar de que forma os nossos inquiridos situavam a LP no mundo do trabalho e como justificavam a resposta dada. O grosso das respostas dividiu-se pelo Sim (77%) e pelo Não (13%). As justificações centravam-se nas oportunidades de trabalho (52%) e nos negócios (17%). A importância de conhecer várias línguas (16%) e a hegemonia do Inglês (15%) também são justificações apontadas.

Na sua maioria, os inquiridos que viam o facto de falar Português como uma mais-valia no mundo do trabalho valorizavam aspetos como a importância da LP no mundo dos negócios. Conjugavam, também, justificações de cariz mais atual – como a procura no mercado do trabalho e a vantagem em falar várias línguas (por oposição ao recurso a uma 'língua franca', que geralmente é o Inglês) – com justificações mais tradicionais – como a valorização económica de países lusófonos (entre os quais se conta Angola), os movimentos migratórios e deslocações e a divulgação/expansão da LP.

Quisemos igualmente saber a opinião dos nossos inquiridos sobre a importância da imigração e do turismo para o crescimento da mesma no espaço lusófono, em geral, e em Portugal, em particular. Segundo estes, as áreas em que esses contributos se poderiam situar seriam a divulgação/expansão (33%), a interculturalidade (21%), a economia/sociedade (15%), a evolução da língua (10%), a valorização (7%), o número de falantes (7%) e a utilização da língua (7%).



Obviamente, o nosso estudo previa que os estudantes refletissem sobre os valores da LP na Comunicação Social. É interessante notar que, tratando-se da sua principal ferramenta de trabalho, uma fatia tão significativa tenha declarado não saber responder (21%). Os que responderam centraram-se muito no seu valor comunicacional (26%) e social (18%). De resto, as suas respostas dispersaram-se pelos valores informativo (5%), político (5%) e desportivo (5%). Também houve quem considerasse ter pouca relevância (5%) e a associasse às possibilidades de divulgação (3%), de entretenimento (3%), com valor económico (3%), cultural (3%) e tradicional (3%).

Em termos gerais, os dados recolhidos nas respostas destes estudantes evidenciam representações lacunares ou equivocadas sobre a LP e sua importância. Ainda que não tenham sido controladas, neste nosso estudo, variáveis como o estatuto socioeconómico ou cultural de proveniência destes inquiridos, o nosso conhecimento dos estudantes permite-nos apontar uma generalizada falta de experiência nas suas vivências culturais e sociais que lhes permitiria, eventualmente, uma outra perceção da LP nas diferentes facetas que a mesma assume, tanto a nível linguístico, cultural, geográfico e histórico, como a nível ideológico/político e económico. Face desta ausência de saber de experiência feito que poderia advir de um maior acesso a bens culturais (como os decorrentes do contacto com outros idiomas e culturas proporcionados nomeadamente pela possibilidade de viajarem para o estrangeiro ou frequentarem cursos de línguas, por exemplo), caberá ao contexto académico apoiar a construção, por estes estudantes, futuros profissionais da Comunicação Social, de um mais sólido e adequado sistema de representações identitárias e culturais enquanto falantes da LP e profissionais que terão de fazer uso dela.

Considerações finais

À semelhança do que aconteceu nos estudos anteriores por nós empreendidos, também este revelou que, para os nossos inquiridos, a LP apresentava sobretudo contornos de natureza afetiva, pela sua ligação ao seu país de origem, à família e à infância.

Mostraram igualmente dificuldade em referir quais seriam as línguas mais faladas no mundo atual e no ciberespaço e em situar o Português entre elas.

Tinham tendência em considerar a variedade do Português falada em Portugal como a mais correta, em detrimento das variedades em uso nos territórios onde surge como língua oficial, devido a uma "pureza" que decorreria da sua ligação ao país de origem.

Apesar de estarem muito focados no espaço geográfico nacional e de forma um tanto contraditória, valorizaram o facto de a LP ser falada noutros países que não Portugal, quando lhe atribuíram valor económico, referiram que esta estaria em crescimento – nomeadamente em espaços geográficos que coincidiam com as ex-colónias – e consideraram que a sua aprendizagem seria uma mais-valia no mundo do trabalho.

Por conseguinte, de um modo geral, ficou-nos a impressão de que estes estudantes revelavam bastantes falhas em termos do conhecimento da sua LM, envolvendo aspetos como a posição que ocupa no mundo do séc. XXI, o reconhecimento da existência de variedades e da sua legitimidade e o encerramento num espaço geográfico reduzido a Portugal.



As suas representações sobre o valor da LP no universo da Comunicação Social estavam sobretudo centradas no seu valor comunicacional e social, mostrando-se um tanto desfasadas das ideias apresentadas relativamente a outros aspetos contemplados no questionário que lhes foi passado, o que reforça o lado indefinido dos seus contornos.

No âmbito de uma Didática da Língua Portuguesa, cabe refletir sobre estes resultados. De facto, tal como já vínhamos identificando noutros estudos com estudantes de formação inicial de educadores e professores, estes estudantes revelam uma necessidade premente em apostar numa didática da língua portuguesa que promova estes aspetos que aqui identificámos como lacunares. A UC de Escrita Criativa, em que este estudo se insere, tem um conteúdo que aborda alguns dos aspetos que foram objeto de reflexão pelos estudantes no questionário que disponibilizámos. Desse modo, seria interessante desenvolver um estudo que comparasse as suas representações antes e depois dessa abordagem. Ainda assim, antevemos a necessidade de ir muito para além da abordagem em uma ou duas aulas (dada a extensão do programa da UC e do tempo disponível para o concretizar), para refletir e trabalhar estas questões. Consideramos que é ao longo da sua formação escolar (e também académica) que aspetos que abordem o lugar e o valor da LP no mundo precisam de ser desenvolvidos.

Referências

- Ançã, M. H., Macário, M. J., & Guzeva, T. (2013). *Questionário educação em português: promoção e difusão da língua* [Documento não publicado]. Aveiro, PT: CIDTFF/LEIP.
- Ançã, M. H., Macário, M. J., Guzeva, T., & Gomes, B. (2014). O papel da educação em português na promoção e difusão da língua – um estudo com um grupo de estagiárias. *Revista Lusófona de Educação*, 27(27), 93-108.
- Botton, A. (2014). *As notícias*. Lisboa, PT: Dom Quixote.
- Calvet, L. J. (2002). *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Recuperado de <http://www.gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>.
- Calvet, A., & Calvet, L. J. (2012). *Baromètre Calvet des langues du monde*. Recuperado de <http://wikilf.culture.fr/barometre2012/>
- Comissão Europeia. (2007). *Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. Quadro de referência europeu*. Luxemburgo, LU: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa [CPLP]. (2014). *Plano de Ação de Lisboa*. Maputo: CPLP.
- Conselho da Europa. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. (M. J. P. Rosário & N. V. Soares, Trans.) (1a ed.). Lisboa, PT: Edições ASA.
- Esperança, J. P. (2009). *Uma abordagem eclética do valor da língua: o uso global do Português*. Lisboa, PT: ISCTE/Instituto Camões.
- European Commission. (2018). *Proposal for a council recommendation on key competences for lifelong learning*. Brussels: European Commission. Recuperado de <http://ec.europa.eu/transparency/regdoc/rep/1/2018/EN/COM-2018-24-F1-EN-MAIN-PART-1.PDF>



- Fiamoncine, L. M. (2015). *A percepção de lusofonia entre alunos do ensino médio de realidades sociais diferentes* (Tese de Doutorado em Letras). Universidade Mackenzie de São Paulo, São Paulo.
- Galisson, R., & Coste, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas*. (A. A. Pinto, C. L. Santos, E. Verdelho, F. I. Fonseca, J. A. C. Sampaio, M. I. P. Boléo, ... T. Verdelho, Trad.). Coimbra, PT: Livraria Almedina.
- Lewis, M. P., Gary, F. S., & Fenning, C. D. (2016). *Ethnologue: languages of the world* (70th ed.). Dallas, TX: SIL International. Recuperado de <http://www.ethnologue.com/statistics/size>
- Lucas, M., & Moreira, A. (2017). *DigComp 2.1: Quadro europeu de competência digital para cidadãos: com oito níveis de proficiência e exemplos de uso*. Aveiro, PT: Universidade de Aveiro.
- Macário, M. J., Sá, C. M., & Gomes, B. (2016). Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem transversal: um estudo na formação inicial de professores. *Revista da UIIPS*, 3(6), 370-384.
- Sá, C. M., Silva, C. V., & Macário, M. J. (2018). Representações sobre a língua portuguesa e sua promoção no mundo por futuros profissionais da Educação em formação. *Acta Scientiarum. Language and culture*, (4), 1-10. (DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i1.35286> | ISSN on-line: 1983-4683) URL: <http://periodicos.uem.br/ojs/acta>
- Marques, I. S., & Sebastião, I. (2013). O papel dos manuais escolares no processo de sensibilização à diversidade e variação linguísticas. In M. Teixeira, L. Santos, I. Silva, & E. Mesquita (Ed.), *Encontros da língua portuguesa: ensinar e aprender português num mundo plural* (p. 137-172). Santarém, PT: Escola Superior de Educação de Santarém/ Universidade Federal Uberlândia.
- Pereira, D. (2008). *O conceito de lusofonia e a cooperação na promoção e difusão da língua portuguesa – tópicos de intervenção*. Recuperado de https://www.cplp.org/Files/Filer/cplp/Domingos_Simoës_Pereira/Discursos_DSP/SE_TNOVAS_13NOV08.pdf. Perrenoud, P. (1999). *Dix nouvelles compétences pour enseigner*. Paris, FR: ESF.
- Pinho, J., & Ançã, M. H. (2015). A lexicultura na valorização e promoção da língua portuguesa. In M. H. Ançã, & M. J. Macário (Orgs.), *A promoção da língua portuguesa e a educação linguística* (p. 27-43). Aveiro, PT: UA Editora.
- Pinto, S. M. A. (2012). *As línguas na universidade de Aveiro: discursos e práticas* (Tese de doutoramento em Didática). Universidade de Aveiro, Aveiro, PT.
- Reis, C., Laborinho, A. P., Leiria, I., Filipe, M., & Pinheiro, F. (2010). *A internacionalização da língua portuguesa. Para uma política articulada de promoção e difusão*. Lisboa, PT: GEPE.
- Reto, L. (2012). *Potencial económico da língua portuguesa*. Lisboa, PT: Alfragide Texto.
- Sá, C. M. (2015). Transversalidade da língua portuguesa e sua promoção no mundo: reflexões sobre a sua abordagem na formação de professores. In M. H. Ançã, & M. J. Macário, *A promoção da língua portuguesa e a educação linguística* (p. 133-159). Aveiro, PT: UA Editora.
- Sá, C. M. (2017). Promoção da língua portuguesa: estudos na formação em ensino. *Indagatio Didactica*, 9(2), 95-106. Recuperado de <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/5059>
- Sá, C. M. (2018). Promoção da língua portuguesa no mundo através da sua abordagem



transversal: um estudo na formação contínua pós-graduada de professores. *Palavras*, 52-53, 63-72.

United Nations (2013). *World Population prospects, the 2012 revision*. Recuperado de http://esa.un.org/unpd/wpp/unpp/panel_population.htm.

World Economic Forum. (2016). *New vision for education: fostering social and emotional learning through technology*. Recuperado de http://www3.weforum.org/docs/WEF_New_Vision_for_Education.pdf.